

ENSAIO TEÓRICO

Progressismo e “ideologia de gênero”: a produção discursiva da crise no capitalismo dependente latino-americano

Rick AFONSO-ROCHA 

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

RESUMO

Este trabalho investiga as condições de formulação e circulação do discurso da “ideologia de gênero” nas formações sociais latino-americanas, compreendendo-o como um fato discursivo atravessado por determinações ideológicas. Partindo de uma perspectiva materialista da linguagem, o objetivo é refletir sobre esse discurso não como mera reação moral-política da direita, mas como efeito estrutural das contradições do capitalismo dependente e da lógica de contenção aceleracionista que marca os regimes progressistas no subcontinente. A pesquisa adota uma abordagem teórico-discursiva, sem análise de corpus, com ênfase na articulação entre discurso, ideologia e formação social. O texto postula que os governos progressistas, ao tentarem mitigar os efeitos do neoliberalismo por meio de reformas superficiais e desenvolvimento extrativista, acabaram por intensificar as tensões sociais e abrir espaço para o avanço de discursos conservadores. Conclui-se que a emergência da “ideologia de gênero” é inseparável da gramática política do capitalismo latino-americano, que opera por ciclos de contenção e aceleração, nos quais o progressismo reafirma discursivamente as estruturas do capital.



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Raquel Freitag (UFS)

AVALIADO POR

- Marcos Bispo (UNEB)

- Amanda Braga (UFPB)

- Carlos Félix Piovezani Filho (UFSCar)

DATAS

- Recebido: 11/05/2025

- Aceito: 29/06/2025

- Publicado: 29/09/2025

COMO CITAR

Afonso-Rocha, Rick. (2025). Progressismo e “ideologia de gênero”: a produção discursiva da crise no capitalismo dependente latino-americano. *Revista da Abralin*, v. 24, n. 1, p. 1-33, 2025.

RESUMEN

Este texto investiga las condiciones de formulación y circulación del discurso de la “ideología de género” en las formaciones sociales latinoamericanas, entendiéndolo como un hecho discursivo atravesado por determinaciones históricas, ideológicas y materiales. Desde una perspectiva materialista del lenguaje, el objetivo es analizar este discurso no como una simple reacción moral-política de las derechas, sino como un efecto estructural de las contradicciones del capitalismo dependiente y de la lógica de contención aceleracionista propia de los regímenes progresistas en la región. Al examinar los contextos políticos de países como Brasil, México, Colombia, Venezuela, Perú y Bolivia, el artículo demuestra que los gobiernos progresistas, al intentar mitigar los efectos del neoliberalismo mediante reformas superficiales y un desarrollo extractivista, intensificaron las tensiones sociales y favorecieron la expansión de discursos conservadores. Se concluye que la emergencia de la “ideología de género” es inseparable de la gramática política del capitalismo latinoamericano, que opera en ciclos de contención y aceleración, en los cuales el progresismo reafirma discursivamente las estructuras del capital.

PALAVRAS-CHAVE

Discurso. Ideologia de gênero. Progressismo. Capitalismo dependente. contenção aceleracionista.

PALABRAS CLAVE

Discurso. Ideología de género. Progresismo. Capitalismo dependiente. Contención aceleracionista.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS

Este trabalho investiga as condições que possibilitaram a formulação e a circulação do discurso da “ideologia de gênero” nas formações sociais da América Latina. Trata-se de um estudo teórico que compreende esse discurso como atravessado por determinações ideológicas. O objetivo é compreender esse discurso não apenas como uma reação moral ou política da direita, mas como um efeito estrutural das contradições do capitalismo dependente e da lógica de contenção e aceleração que marca os regimes progressistas no subcontinente. Argumenta que, ao tentarem reduzir os impactos do neoliberalismo com reformas superficiais e projetos baseados em extração de recursos, os governos progressistas acabaram acirrando tensões sociais e criando espaço para discursos conservadores. Conclui-se

que a emergência da “ideologia de gênero” está ligada à própria dinâmica política do capitalismo latino-americano, que funciona por ciclos de contenção e aceleração, nos quais o progressismo reafirma as estruturas do capital.

En América todos tenemos algo de sangre originaria. Algunos en las venas y otros en las manos.

Eduardo Galeano

Introdução

Quando pensamos nos trabalhos científicos sobre a chamada “ideologia de gênero”, são as Ciências Social, especialmente a Educação, a Sociologia, os Estudos de Gênero (incluindo os Estudos Culturais) e a História, os campos nos quais visualizamos maior interesse por esse fenômeno. Essa tendência foi confirmada a partir de uma consulta realizada em julho de 2024 ao *Catálogo de Teses e Dissertações da Capes*. Utilizou-se o termo “ideologia de gênero” no campo de busca geral, sem filtros adicionais, totalizando 276 trabalhos acadêmicos, dos quais 177 são dissertações de mestrado e 62 são teses de doutorado. Quanto à área de conhecimento, 42 trabalhos estão vinculados à Educação e 22 à Sociologia, concentrando mais de 23% do total apenas nessas duas áreas. Em complemento, foram realizadas buscas no *Google Acadêmico* e na base *Dialnet* com o mesmo termo, com o objetivo de mapear recorrências temáticas e autorais. Com base nesse levantamento, destacam-se, entre outros, os trabalhos de Balieiro e Duque (2018), Bárcenas Barajas (2020; 2022), Butler (2024), Nevache (2022), Aguilar de La Cruz (2022), Morán Faúndes e Vaggione (2022), Salazar (2022), Gaytán Alcalá (2022), Junqueira (2022), Machado (2022), Miskolci e Campana (2017), Tec-López (2022), Raupp Rios e Resadori (2018) e Corrêa (2018).

As contribuições desses campos para a compreensão e para a descrição do fenômeno da “ideologia de gênero” são inegáveis. Muito já foi dito e analisado, do ponto de vista sociológico, educacional, cultural e histórico sobre o referido, digamos, “fato”. Contudo, esse “fato” é, para além de um fato social, um acontecimento de linguagem, um fato discursivo. Trata-se de um fenômeno político-discursivo que, portanto, precisa ser considerado desde uma dimensão teórica e analítica que coloque em questão sua natureza linguística, enunciativa e discursiva. Isto porque há, digamos, “limites” na análise sociológica e/ou histórica. Não no sentido que tais análises sejam incompletas, mas sim porque elas não se propõem a observar o objeto discursivo e/ou linguístico. Logo, é a língua que escaparia a essas análises.

Sem mencionar que, hegemonicamente, esses trabalhos acabam por ou descartar ou não dar primazia às coordenadas ideológicas, minorando as condições materiais de produção do fenômeno triangulado. Como efeito, temos a consolidação e a defesa da evidência de uma suposta *excepcionalidade* do fenômeno da “ideologia de gênero”. Essa é tomada como um *discurso de extremistas* (discurso aqui é utilizado na sua acepção cotidiana) que funciona na ignorância do outro. Logo, o combate proposto é o culto à democracia. Limitam-se a defender o uso do aparato repressivo, buscando proteger as normas e práticas institucionais. Isso acaba por reforçar o constrangimento das enunciações revolucionárias (“agora não é o momento” ou “você está dando munição à extrema direita”) pela defesa das frentes amplas capazes, acreditam, de salvaguardarem a democracia supostamente ameaçada pelos “fascistas”.

Outra frente proposta é a “iluminação das massas”. Para se combater o discurso da “extrema direita”, bastaria “levar” conhecimento ao outro, mostrando-lhe que não existe, do ponto de vista da “esquerda”, essa tal ideologia, que isso não passaria de um *espantalho* usado como *marketing* político,

mobilizado intencionalmente para produzir medo. O binômio ignorância-esclarecimento deve ser deixado de lado. Mais uma evidência a ser, portanto, fraturada...

Cabe destacar que, embora este trabalho dialogue diretamente com os pressupostos teóricos da Análise de Discurso, não se propõe aqui realizar uma análise empírica de *corpus*¹. Trata-se, antes, de uma reflexão teórico-política sobre o funcionamento discursivo da fórmula “ideologia de gênero” em contextos latino-americanos, priorizando a descrição das formações discursivas e das condições histórico-sociais que possibilitam sua formulação e circulação. As noções empregadas ao longo do texto como “formação discursiva”, “formação imaginária”, “efeito de evidência”, “condições de produção”, entre outras pertencem ao arcabouço teórico da Análise Materialista de Discurso, tal como formulado por Michel Pêcheux e desenvolvida no Brasil, sobretudo, por Eni Orlandi. Optou-se, dada a natureza ensaística do texto e seus limites de extensão, por incorporar tais conceitos como ferramentas teóricas já estabilizadas no campo, sem a reconstituição detalhada de sua trajetória epistemológica ou definição conceitual pontual.

A ausência de análises enunciativas concretas se justifica pelo objetivo central do texto, tendo em vista a extensão deste trabalho: compreender a emergência e a difusão do discurso da “ideologia de gênero” a partir de seus atravessamentos ideológicos, coloniais e econômicos, inserindo esse funcionamento discursivo no quadro mais amplo das contradições do capitalismo dependente e da lógica progressista-regressiva que marca o subcontinente. Uma análise discursiva de enunciados ainda é necessária. E isso será apresentado em outro trabalho.

Ainda devemos considerar que a maioria destas análises acaba por focar na busca da origem do fenômeno, na construção de genealogias e no objetivo de desnudar as pretensas intencionalidades de sujeitos políticos, para, então, desvendar suas táticas e estratégias, negligenciando, por vezes, os funcionamentos, as formas e operações do discurso da “ideologia de gênero” que movimentam sujeitos e afetos na produção de sentidos, na estabilização e na cristalização de formações imaginárias. Isso poderá levar-nos à observação de que o discurso da “ideologia de gênero”, embora grave constitutivamente a nebulosa enunciativa da “extrema direita”, acaba por atravessar (formulação-circulação) discursos outros, habitando o dizer socialmente reconhecido como moderado no Político. O discurso da “ideologia de gênero” se formula e circula a partir de uma rede polivalente e polimorfa, sendo, assim, um efeito de sentidos útil e funcional à democracia liberal.

Em relação ao campo dos Estudos da linguagem, nota-se a existência de pouquíssimos trabalhos em relação a esse fato discursivo. No Brasil, por exemplo, a *Capes* registra apenas oito trabalhos de teses e dissertações realizados na área de Letras, sendo sete deles no campo da Teoria do Discurso, mais especificadamente da Análise de Discurso, e um no campo da Linguística Textual.

¹ Este texto é o segundo de um conjunto de quatro estudos derivados de minha tese de doutorado, nos quais busco compreender, a partir de uma perspectiva materialista-discursiva, os funcionamentos ideológicos e políticos do discurso da “ideologia de gênero” na *América Latina*. Nesta etapa, dedico-me à descrição das condições materiais de produção do discurso em questão. O primeiro aborda o signifiante “América Latina” como *espaço-discurso*; o terceiro analisa a adjetivação da direita (“extrema”, “nova”, “autoritária” ...) como estratégia discursiva; e o quarto apresenta a análise empírica propriamente dita, com base em material coletado em espaços de formulação e circulação da chamada “ultradireita latino-americana”. A divisão em quatro textos relativamente autônomos justifica-se pela extensão e complexidade do objeto, bem como pelos diferentes focos analíticos/interpretativos de cada etapa.

Sendo eles: *O discurso da escola sem partido: polêmica e interdição*, de Diogo Caetano Avelino Neto (2022), orientador: Sírio Possenti; *Processos de construção da fórmula “ideologia de gênero”*, de Filipe Silva de Abrantes (2020), orientador: Décio Orlando Soares da Rocha; *“ideologia de gênero” e a inter-relação entre os discursos político e pedagógico em uma formação discursiva conservadora*, de Bruno Caetano Felipe da Silva (2022), orientador: João Marcos Mateus Kogawa; *A fórmula “ideologia de gênero”: polêmica e discurso*, de Marcos Felipe Rocha (2021), orientadora: Ana Carolina Vilela-Ardenghi; *Memória e efeitos de sentido de gênero e sexualidade: dos documentos oficiais de educação (1996- 2016) às eleições presidenciais 2018*, de Amanda Vanele Prates Domingues (2019), orientadora: Edvania Gomes da Silva; *Do visor na porta das salas de aula à mordada nos professores: uma análise discursiva das redes conservadoras do Escola Sem Partido*, de Juliana Silva Rettich (2018), orientador: Décio Orlando Soares da Rocha; *O discurso político sobre gênero na educação e a fórmula discursiva “ideologia de gênero”*, de Hélios Pires Tolentino (2022), orientadora: Júlia Maria Costa de Almeida; *A “ideologia de gênero” em artigos de opinião: um estudo à luz da Teoria da Estrutura Retórica e da Linguística Textual*, de Fernando Suarez de Oliveira (2022), orientadora: Maria Beatriz Nascimento Decat. A produção acadêmica em artigos nesta área é igualmente escassa, cito como exemplares Cassana (2018), Guimarães (2018), Guimarães e Fatima (2022), Santos Filho (2016), Bruno Silva (2019), Storto e Zanardi (2019) e Tolentino e Almeida (2023).

Há, contudo, ainda, muito a se dizer sobre o discurso da “ideologia de gênero” e sobre suas condições materiais de formulação e de circulação, pois ademais de ser formulado, tem circulação privilegiada, pautando imaginariamente o debate político contemporâneo.

2. Ideologia de gênero: reitora da Política no contemporâneo da América Latina

Considero que as condições materiais e ideológicas da formação social “latino-americana” são, portanto, fundamentais para compreendermos a emergência do discurso da “ideologia de gênero” não no subcontinente, mas como uma expressão oriunda e determinante do subcontinente. Afinal, a ofensiva anti-gênero é um dos motes centrais das “(extremas) direitas latino-americanas”, como aparece nos discursos de alguns dos seus mais importantes porta-vozes (Maingueneau, 2020), a exemplo de Nayib Bukele (El Salvador), Fabricio Alvarado Muñoz (Costa Rica), Javier Milei e Agustín Laje (Argentina), Jair Bolsonaro e Olavo de Carvalho (Brasil), María Fernanda Cabal e Álvaro Uribe Vélez² (Colômbia), Eduardo Verástegui (México), José Antonio Kast (Chile); Rafael López Aliaga (Peru); Guido Manini Ríos (Uruguai).

² Muito em razão da sua atuação de liderança contra o Acordo de Paz com as FARC em 2016, segundo o qual o acordo expressaria a “ideologia de gênero”, desestabilizando os valores familiares, causando uma transgressão dos papéis tradicionais de gênero e promovendo a homossexualidade: “Numerosas voces afirmaron que lo pactado entre la guerrilla y el Gobierno excedía el propósito de las negociaciones. Marco Fidel Ramírez, pastor de Bogotá, aseveró que además de inculcar una ideología ‘ateo-marxista’, el acuerdo conduciría al país por la senda de la ‘dictadura homosexual’, abriendo las puertas al incesto, la zoofilia y la pedofilia. El exprocurador

Essa tendência “latino-americana” pode ser mensurada através do gráfico abaixo sobre o aumento da busca do termo “ideologia de gênero” (países de língua espanhola e portuguesa), “gender ideology” (inglesa e alemã), “ideologia gender/gender ideología” (Itália, Polônia, Hungria) e “théorie du genre” (contexto francófono) no *Google Trends* de 2004 até o presente.³ Como é possível ver, é na “América Latina” que esta expressão circula. No contexto norte-americano, o termo (*gender ideology*) comparece com menos força, como podemos inferir com base no “pico de popularidade” do *Google Trends*.⁴ Na Europa, os dados indicam que o termo ganha certa relevância somente na Espanha, Alemanha, Itália e Portugal. Embora não apareça nos dados, o discurso da “ideologia de gênero” tem circulação considerável na Hungria e na Polônia.⁵

Ordóñez advirtió que el acuerdo se usaría para imponer la ideología de género y acabar con la familia, pues en La Habana, sede de las negociaciones de paz, se estaría rediseñando el ordenamiento jurídico referente al matrimonio, ‘el derecho a la vida’ y ‘la libertad religiosa’.” (Rodríguez Rondón, 2017, p. 140).

³ O sintagma “cultura woke” (“culture woke”) não foi considerado, embora desde 2023 tenha ganhado destaque nos discursos públicos, especialmente nos contextos estadunidense, “latino-americano”, italiano, espanhol e português, em virtude que não estabelece uma relação de sinonímia com “ideologia de gênero”, mas sim engloba uma série de “ideologias progressistas”, desde as questões raciais, sexuais, de gênero e ambientais.

⁴ “Os números representam o interesse de pesquisa relativo ao ponto mais alto no gráfico de uma determinada região em um dado período. Um valor de 100 representa o pico de popularidade de um termo. Um valor de 50 significa que o termo teve metade da popularidade. Uma pontuação de 0 significa que não havia dados suficientes sobre o termo.” (*Google*, 2024, *online*).

⁵ Conforme o *Google*: “Quando pesquisa um termo no *Google Trends*, é apresentado um mapa que mostra as áreas onde esse termo é popular. Os tons mais escuros indicam onde o seu termo tem uma maior probabilidade de ser pesquisado. Se comparar termos de pesquisa, é apresentado um mapa-múndi sombreado consoante com a popularidade do termo. A intensidade da cor representa a percentagem de pesquisas do termo mais pesquisado numa determinada região. A popularidade do termo de pesquisa é relativa ao número total de pesquisas do *Google* realizadas num período específico, numa localização específica.” (2024, *online*).

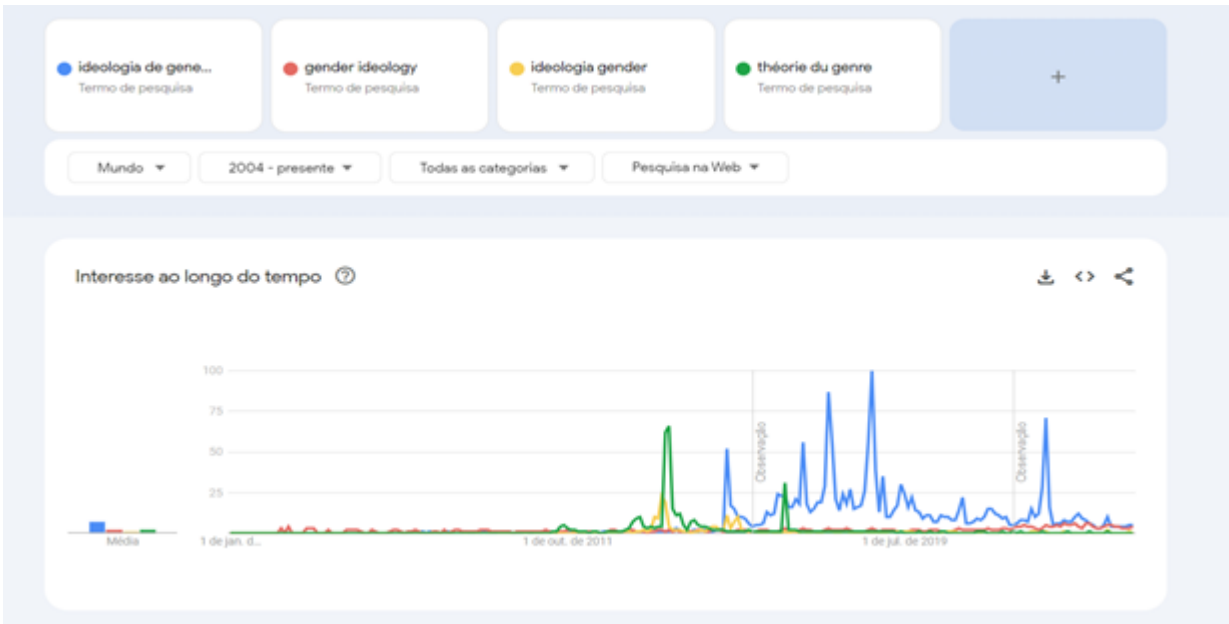


FIGURA 1 - Gráfico Google Trends
Fonte: Google Trends

1 Peru	10 República Dominicana	18 Porto Rico
2 Brasil	11 Colômbia	19 Alemanha
3 El Salvador	12 Argentina	20 Estados Unidos
4 Cuba	13 Chile	21 Canadá
5 El Salvador	14 Venezuela	22 Alemanha
6 Honduras	15 Panamá	23 Estados Unidos
7 Nicaragua	16 Equador	24 Canadá
8 Bolívia	17 Espanha	25 Reino Unido
9 Paraguai		26 Itália

As consultas ao *Google Trends* foram realizadas entre julho e outubro de 2024, com o objetivo de identificar os padrões de circulação do sintagma “ideologia de gênero” em diferentes formações sociais. A pesquisa utilizou as versões do termo em cinco idiomas (português, espanhol, inglês, francês e italiano), inseridas individualmente na plataforma, com recorte temporal entre janeiro de 2004 e setembro de 2024. O parâmetro geográfico abrangeu países da América Latina, Europa e América do Norte. Os dados indicaram que os maiores picos de popularidade do termo, medidos pela métrica de Volume Relativo de Buscas (VRB), ocorreram majoritariamente em países latino-americanos como Peru, Brasil, El Salvador, Colômbia e México. Em contraste, a circulação nos Estados Unidos e em países europeus como Alemanha, Itália e França foi significativamente menor, com exceção da Espanha. A análise dos resultados reforça a hipótese de que o discurso da “ideologia de gênero” se formula e circula

com maior intensidade nas formações sociais latino-americanas, onde funciona como operador político privilegiado das direitas reacionárias e, de forma transversal, em discursos ditos moderados.



FIGURA 2 - Mapa Google Trends
Fonte: Google Trends

O *Google Trends* é uma importante ferramenta para observação do interesse dos usuários por determinados temas (com base na tendência de buscas na internet). A ferramenta trabalha com o *pico de popularidade*, estimulado a partir da variável de *Volumes Relativos de Buscas* (VRB). Com esse recurso, podemos trabalhar com a *pegada digital*, isto é, com os rastros de dados que deixamos ao utilizarmos a internet. Sendo, portanto, um indicador do interesse público e da circulação de determinados sin-tagmas nos discursos sociais. O *Google Trends* não oferece um volume de busca absoluto; em vez disso, fornece um valor relativo numa escala de 0 a 100. Isso significa que, para qualquer período, ele mostra o volume de pesquisa em relação ao pico de popularidade do termo (=100) ao longo do tempo analisado. Se um segundo termo for adicionado à pesquisa, sua popularidade é medida na mesma escala, possibilitando a comparação entre os dois. Assim, essa ferramenta gera gráficos que mostram a frequência de buscas por um termo em diversas regiões e idiomas ao longo do tempo, além de permitir a comparação de termos semelhantes (Passos; Vasconcellos-Silva; Santos, 2020). Cada ponto de dados é dividido pelo total de pesquisas na área e no período que representa, a fim de comparar a popularidade relativa. Caso contrário, as regiões com maior volume de pesquisa teriam sempre a classificação mais alta. Os valores resultantes são então ajustados para uma escala de 0 a 100, com base na proporção de um tema em relação ao total de pesquisas sobre todos os temas. Assim, diferentes regiões que demonstram o mesmo interesse por um termo nem sempre apresentam os mesmos volumes totais de pesquisa (Santos; Pires; Rocha, 2021).

Este trabalho se ancora em uma metodologia interpretativa e teórico-discursiva, que compreende os sentidos como efeitos de posições ideológicas historicamente determinadas. Não se trata, portanto, de uma pesquisa empírico-quantitativa, nem de uma análise de *corpus* nos moldes formais. A proposta metodológica se inscreve em um paradigma crítico que privilegia a descrição das condições de produção do discurso, a partir de atravessamentos ideológicos, afetivos e históricos. O uso de ferramentas como o *Google Trends* tem valor ilustrativo e indiciário, articulando-se ao movimento reflexivo do autor-pesquisador, que não se separa do objeto analisado, mas se inscreve nele como sujeito atravessado pelas materialidades discursivas. Assim, esta proposta não busca a reprodutibilidade tradicional, mas sim a inteligibilidade situada de um fenômeno político-discursivo que se constitui na relação entre discurso, história e ideologia.

Claro que o que temos a partir desta ferramenta é um processo de informatização da instrumentação linguística, pois, como afirma Freitas (2020), o buscador do Google, que é a base do *Google Trends*, funciona como o dicionário mais popular do mundo, ou melhor, como um princípio organizador do discurso lexicográfico na internet, por meio do recorte do que algoritmicamente é ranqueado pelo buscador. Assim, “O buscador do Google, per si, imita o funcionamento do dicionário, recuperando sentidos, recortando usos, algoritmizando entradas, colaborando assim para o processo de estabilização dos sentidos” (Freitas, 2020, p. 165-6). O nome “Google” funciona metonimicamente como *buscador*, obliterando outras formas de acesso aos discursos informatizados. Segundo dados da Statista (2024), o Google é responsável por mais de 90% das pesquisas na web em todo o mundo. No Brasil, a empresa é responsável por 99% das buscas. Realiza mais de 3,5 bilhões de pesquisas diariamente e mais de 50% das buscas no seu buscador resultam em cliques em um dos três primeiros resultados. Logo,

[...] ao ocupar a função de buscador e assistente, o Google trabalha como porta de entrada para a consulta lexical na internet, cumprindo por vezes a atividade meio e a atividade fim; caminho e chegada dessas consultas. A ocupação do lugar de dicionário pelo Google tem como uma de suas principais motivações o fato de que este ocupa um lugar de destaque na gestão da circulação textual na internet. (Freitas, 2020, p. 97).

Com isso, podemos pressupor que o alto pico de popularidade concentrado nos países que formam o subcontinente “latino-americano” indica uma maior circulação do discurso da “ideologia de gênero”, uma vez que estas regiões apresentam mais rastros digitais de usuários interessados em buscas *online* contendo o referido sintagma. O maior volume relativo de buscas com “ideologia de gênero” e seus correlatos em outras línguas expressa maior interesse público e indicia uma circulação mais expressiva dos discursos sobre e da “ideologia de gênero”, o que desperta interesse nos usuários a buscarem definições e conteúdos temáticos sobre isso. Claro que não podemos deixar de considerar que há o fato de que parte das ocorrências da expressão pode ser derivada de buscas de críticos de sua constituição, formulação e circulação. Nesses casos, trata-se de uma menção à expressão, e não de seu uso efetivo, muitas vezes inserida em enunciados que se mostram fragmentados ou ambíguos quanto à sua adesão. Só que essas ocorrências também se inserem na polemização constitutiva da fórmula discursiva (Krieg-Planque, 2010).

Contudo, com esses dados não é possível triangular as formações discursivas pelas quais estes discursos são formulados e circulam. Há um pressuposto ideológico-político que nos leva à *evidência* de que o discurso da “ideologia de gênero” é um discurso das chamadas “extremas direitas”, das formações discursivas reacionárias e conservadoras.

Há muitos fatos, contudo, que podem fraturar tal efeito de evidência, a exemplo da experiência colombiana com Álvaro Uribe Vélez, um típico representante da direita moderada, dificilmente visto como um político radical de direita, mas que foi um dos principais ideólogos propulsores dos dizeres da “ideologia de gênero”. No México, o partido do governo, *Morena*, à esquerda do espectro político, foi responsável por alimentar a matriz enunciativa da “ideologia de gênero”, desde atuação de Claudia Sheinbaum em relação à ocupação feminista da *Glorieta de las mujeres que luchan*, passando pelas declarações do presidente Andrés Manuel López Obrador sobre os movimentos feministas e a marcha do 8 de março. até o caso muito emblemático da reação de parte das esquerdas à apropriação feita pelo artista Fabián Cháirez, da figura de Emiliano Zapata, representado de forma afeminada, desnuda, em um cavalo e utilizando salto alto, o que desatou protestos violentos no Palacio de Bellas Artes, sob o pretexto que os movimentos LGBTQ+ estariam desrespeitando e desvirtuando um dos maiores símbolos da pátria (e da masculinidade mexicana).

No caso da *América Latina*,⁶ o discurso das “extremas direitas” está diretamente ligado a temas como gênero e identidade sexual, enquanto na Europa, e também nos EUA, é muito mais relevante a temática migratória e racial (Malm; Colectivo Zetkin, 2024, p. 540):

Si consideramos que la raza está en el corazón de la extrema derecha, el género también tiene su hueco en el mismo lugar. [...] Algo llamado la ‘ideología de género’ amenazaba con erosionar la familia y la nación polacas, y también las brasileñas; se trataba de un término multifunción que se usaba para referirse a supuestos cuestionamientos de la norma del marido, la mujer y los niños sonrosados, y que se materializó en la forma del niño en peligro. Están obligando a nuestros niños a ponerse vestidos, aseguraba la campaña estatal contra la ‘ideología de género’ en Polonia. Están adoctrinando a nuestros hijos en la homosexualidad, alegaba un vídeo que circuló mucho durante la campaña presidencial de Bolsonaro. Más concretamente, el Partido de los Trabajadores habría distribuido biberones con tetinas en forma de pene por las guarderías para que los niños se volvieran gays. Durante los días que siguieron a la investidura de Bolsonaro, un ministro dejó claro que, a partir de entonces, ‘las niñas serán princesas y los niños serán príncipes’, mientras que un telepredicador cercano al presidente contó una historia sobre Suecia como advertencia: en aquel país, la ‘ideología de género’ obligaba a los y las escolares a llevar uniformes naranjas de género neutro y, si algún progenitor se mostraba en desacuerdo, los deportaban a islas remotas del Atlántico Norte.

Considerando essa, digamos, “tendência” regional do discurso das “extremas direitas” (ao menos enquanto temos este pressuposto), a interseção do colonialismo, da dependência, do subimperialismo

⁶ “Uma série de trabalhos publicados pela Fundação Friedrich Ebert (FFE) permite ver como a ultradireita tem se articulado no continente latino-americano. Talvez uma das descobertas centrais desses trabalhos seja que, apesar de diferentes trajetórias políticas e origens ideológicas, todas as forças de ultradireita observadas na América Latina compartilham sobretudo a adoção de posturas moralmente conservadoras em relação a temas de gênero e políticas sexuais, bem como a defesa de punitivismo penal para enfrentar os problemas de criminalidade.” (Kaltwasser, 2024, *online*).

e dos progressismos configura uma cenografia enunciativa pela qual o discurso da “ideologia de gênero” se formata desde a “América Latina”, dialogando com uma dinâmica global de contestação “reacionária”. A descrição dessas condições é essencial para uma análise das discursividades que perpassam a “América Latina”, revelando a complexidade das relações sociais e dos efeito-identidades que nela emergem.

Dito isso, é preciso considerar que o colonialismo, enquanto uma condição estrutural da formação social do capitalismo dependente⁷, atravessa e governa os dizeres contemporâneos sobre gênero e sexualidade, a exemplo dos discursos da “ideologia de gênero”. Colonialismo que carrega consigo a empresa capitalista, pois diz do modo de produção capitalista desde sua emergência:

Os países da América Latina sempre participaram, desde sua origem na descoberta e colonização por povos europeus do mesmo sistema em que se constituíram as relações econômicas que, em última instância, foram dar origem ao imperialismo, a saber, o Sistema do capitalismo. São essas relações que, em sua primeira fase do capital comercial, presidiram à instalação e à estruturação econômica e social das colônias, depois nações latino-americanas. É assim, dentro de um mesmo sistema que evoluiu e se transformou do primitivo e originário capitalismo comercial, é aí, e por força das mesmas circunstâncias (embora atuando diferentemente no centro e na periferia), que se constituíram de um lado as grandes potências econômicas dominantes no sistema imperialista, e de outro os países dependentes da América Latina (Prado Júnior, 1966, p. 68).

A rede colonial impôs hierarquias e sistemas de dominação que não apenas violentaram fisicamente as populações indígenas, mas também estabeleceu padrões e roteiros rígidos de masculinidade e feminilidade (Trevisan, 2018). Nesse sentido, ao mobilizarmos esse *espaço-discurso*,⁸ devemos considerar que,

Forjada no calor da expansão comercial promovida no século 16 pelo capitalismo nascente, a América Latina se desenvolve em estreita consonância com a dinâmica do capitalismo internacional. [...] É a partir desse momento que as relações da América Latina com os centros capitalistas europeus se inserem em uma estrutura definida: a divisão internacional do trabalho, que determinará o sentido do desenvolvimento posterior da região. Em outros termos, é a partir de então que se configura a dependência, entendida como uma relação de subordinação entre nações formalmente independentes, em cujo marco as relações de produção das nações subordinadas são modificadas ou recriadas para assegurar a reprodução ampliada da dependência. (Marini, 2017, p. 327).

⁷ “O capitalismo na América Latina se desenvolveu dentro do contexto de expansão e evolução do capitalismo mundial. Em função disso, assumiu formas específicas que, sem negar as leis gerais do movimento do sistema, configuraram no continente tipos específicos de capitalismo dependente, cujo caráter e modo de funcionamento estão intrinsecamente conectados à dinâmica que assume historicamente o capitalismo nos países centrais.” (Bambirra, 2019, p. 33).

⁸ *Espaço-discurso* é a dimensão material-discursiva constituída pelas condições ideológicas de produção que organizam os efeitos de sentido sobre um território ou formação socioespacial. Mais do que uma referência geográfica, o espaço-discurso articula os efeitos de memória, ideologia, repetição e identidade, fazendo emergir posições-sujeito e regularidades enunciativas com eficácia sobre o político e o social. Trata-se de uma espacialidade constituída discursivamente, resultante das lutas de sentidos travadas em torno de significantes mestres (como “América Latina”), e que expressa a materialidade ideológica das formações sociais.

Ainda sobre as formações sociais brasileira e mexicana,⁹ faz-se imprescindível pontuar que a “escolha” destes espaços, – enunciativo-discursivo-simbólico-geográfico-cultural-social-políticos, como matriz de recorte dos discursos da “ideologia de gênero” que possibilitaram a construção metonímica da “América Latina” –, é uma resposta à necessidade da produção do arquivo de *materializar-se*. Os dizeres chegam e desenharam o caminho. O recorte é um efeito do “se” da língua. O discurso fratura o imaginário do social, desfazendo as ilusões das comunidades nacionais. A evidência da unidade empírica não serve à compreensão dos fatos da língua, pois ela é um efeito da cristalização e da sedimentação dos dizeres e não sua causa.

Agora, penso que essa construção metonímica só se torna possível pois as conjunturas das formações mexicana e brasileira estão atravessadas pela singularidade da problemática do *subimperialismo*, isto é, marcadas pelas contradições entre a lógica de expansão do país dependente e o imperialismo:

O subimperialismo implica dois componentes básicos: por um lado, uma composição orgânica média na escala mundial dos aparatos produtivos nacionais e, por outro lado, o exercício de uma política expansionista relativamente autônoma, que não apenas é acompanhada de uma maior integração ao sistema produtivo imperialista, senão que se mantém no marco da hegemonia exercida pelo imperialismo à escala internacional (Marini, 1977, p. 31).

Essa conjuntura do político possibilita aos dizeres emergentes das formações sociais brasileira e mexicana uma dimensão de enunciação reitora, capaz de direcionar e governar os sentidos em/de “Latinoamérica”. Brasil e México comparecem como espaços privilegiados da formulação política, espaços que governam, pois metonimizam o construto “América Latina”.

Brasil e México acabam por ocupar a posição de potências intermediárias na região. Dessa forma, a análise destes processos histórico-sociais e político-econômicos põe em jogo essa assimetria enunciativo-discursiva, o que acaba por direcionar uma efusão na circulação dos dizeres formulados nessas formações sociais, já que

Desde las últimas décadas del siglo XX, Brasil asumió un papel de vanguardia económica y liderazgo político en América Latina, resultado de un proceso histórico singular que posibilitó una serie de condiciones materiales que llevaron a la economía brasileña a alcanzar el subimperialismo, fase superior del capitalismo dependiente mediante la concentración y centralización de capital a escala regional, controlando de manera monopólica el suministro de materias primas, mercados y energías a partir del uso intensivo de los recursos estratégicos. (Ramírez Kuri, 2021, p. 265).

Isso se deve, penso eu, ao fato de que “O Brasil, por conta de sua influência regional, é talvez o único exemplo de um país subimperialista na América Latina, uma vez que a dominação geopolítica e estratégica dos EUA na América Central impede que países como o México assumam tal condição.” (Sotelo Valencia, 2019, p.13-4). Mas isso não significa que o México não goze de uma condição geopolítica de destaque em relação aos outros países, já que “[...] apresenta, em seu processo histórico, um desenvolvimento capitalista relativamente considerável, com ‘traços similares’ ao subimperialismo em

⁹ Com a Argentina, esses países expressam as experiências mais avançadas do capitalismo dependente “latino-americano” (Ramírez Kuri, 2021).

suas relações com a América Central e o Caribe, considerada sua ‘área natural’ de expansão [...]” (Sotelo Valencia, 2019, p.23).

Isso não significa que estou tomando Brasil e México como unidades evidentes, como realidades empíricas, como uma referencialidade espacial. Ao contrário, essas formações sociais permitem a construção metonímica da “América Latina”. Resta-me claro que o subimperialismo é um fato de discurso,¹⁰ um fenômeno socioeconômico e político que se entrelaça com a língua, pois diz do antagonismo real: as estruturas de classe e a singularidade da reprodução do capital.

Sendo o subimperialismo e a dependência processos estruturais do capitalismo em “América Latina”, desdobramento do processo colonial, não estamos falando de uma mera paisagem social, de um plano de fundo, mas das condições reais de produção dos sentidos da compreensão de latinidade. A realidade do capitalismo contemporâneo mostra-nos que “[...] com suas concomitantes mudanças ocorridas tanto internamente quanto no contexto da economia capitalista mundial, não fizeram mais que se intensificar e adotar, nos últimos tempos, novos comportamentos *subimperialismo* e ciclos estruturais, particularmente na América Latina, no México e no Brasil.” (Sotelo Valencia, 2019, p. 21).

Nesse contexto, os discursos da “ideologia de gênero” compareceriam como uma reação conservadora, que buscaria reafirmar valores tradicionais, questionando as chamadas “conquistas progressistas” e atualizando uma visão de mundo que privilegia a cis-heteronormatividade lida como natural, biológica e normal.

Por isso, muitos analistas políticos e acadêmicos tomam os movimentos políticos das “extremas direitas” como uma reação ao progressismo “latino-americano” da virada do milênio. Nesse sentido, teriam sido as políticas progressistas, em especial aquelas voltadas para as questões sociais, a exemplo das políticas raciais, sexuais, de gênero, sobre os povos tradicionais, as responsáveis por fazer movimentar os afetos conservadores e reacionários, o que acabaria por levar-nos aos “novos fascismos” contemporâneos.

Dessa forma, os progressismos “latino-americanos” atravessam os dizeres de gênero e sexualidade no contemporâneo político das “Américas”. Compreender, portanto, como “[...] a política progressista fortaleceu uma lógica econômica que aprofunda as fraturas sociais que suas técnicas de governo pretendiam mitigar” (Santos; Feldmann, 2021, p. 14), revela-se essencial para a compreensão e a descrição dos discursos da “ideologia de gênero” no subcontinente.

A expressão “progressismo” se refere aos governos identificados com o espectro político da esquerda que foram eleitos com base em uma pretensa reação crítica aos governos neoliberais da década de 1990. Inicia-se um ciclo marcado por mudanças sociais e afirmação dos discursos dos movimentos sociais: Hugo Chávez, na Venezuela (1998), Luiz Inácio Lula da Silva, no Brasil (2002), Néstor Kirchner,

¹⁰ “Así el Estado brasileño ejerce una geopolítica subimperialista entre las economías dependientes de América del Sur y expandiéndose hacia África, al mismo tiempo que permanece sometida a la lógica del capital a escala mundial. En medio de este proceso, durante la dictadura militar la estructura política brasileña se desarrolla de manera tal que las FFAA adquieren un grado de autonomía suficiente para institucionalizarse como un cuarto poder dentro del Estado, que explica el peso político que mantienen aún durante la ‘transición democrática’ y posteriormente, haciendo del autoritarismo un rasgo presente en Brasil hasta la actualidad.” (Ramírez Kuri, 2021, p. 267).

na Argentina (2003), Tabaré Vázquez, no Uruguai (2004), Evo Morales, na Bolívia (2005), Rafael Correa, no Equador (2006) e Fernando Lugo, no Paraguai (2008). Inaugurando uma era que mobilizou a esperança de vários setores sociais e políticos, que chegaram a ver naquelas mudanças pragmáticas o início de uma revolução sem violência, uma revolução pela via eleitoral e pela conquista das consciências.

Esse movimento chamado de “onda progressista”, “giro a esquerda” e “fim do neoliberalismo” surpreendeu e fascinou muitos analistas, jornalistas e acadêmicos, instalando-se uma narrativa idealizada sobre a superação das contradições capitalistas pela inflexão governamental e política experienciada por numerosos países da América do Sul e da América Central com a chegada de líderes populares, sindicalistas, indígenas e mulheres progressistas às presidências de suas nações. A narrativa hagiográfica buscava se ancorar na memória coletiva social do subcontinente, re-formatando e re-atualizando a imagem das resistências populares, das lutas camponesas e indígenas. Chegou-se a propor a “fundação” de Estados plurinacionais como na Bolívia, reforçando, com isso, a legitimidade das instituições burguesas representativas pelo simulacro que afirmava que as populações indígenas e camponesas passaram a ter participação ampla e efetiva em todos os níveis do poder estatal. O progressismo na Bolívia, no Equador e na Venezuela deu lugar a uma onda de esperança e renovação nas esquerdas partidárias e institucionais em todo o mundo. Inaugurou-se o *eixo da esperança*, para usar a expressão empolgada de Tariq Ali (2008).

Com efeito, o progressismo “latino-americano” corresponde à modernização capitalista; em suma, um projeto de neodesenvolvimento baseado no extrativismo de *commodities* que se perfez, quando muito, em uma forma de capitalismo de Estado social e redistributivo (Gaudichaud, 2019). Com o neodesenvolvimentismo, patrocinado pelos governos progressistas, os

[...] proyectos de minería a cielo abierto proliferaron, la explotación del petróleo avanzó en áreas tropicales, se introdujo la fracturación hidráulica ('fracking') y se extendió la superficie dedicada al monocultivo. La lógica común en estas distintas áreas de extracción es su escala expansiva, su orientación hacia las exportaciones, la monopolización de la tierra y el territorio, la predominancia del capital transnacional, y la ausencia de un control democrático desde abajo. Además, se caracterizan por una creciente devastación ecológica y consecuencias sociales y sanitarias negativas. (Webber, 2019, p. 113).

Parece-me que o progressismo surge em um contexto de domesticação do ímpeto por transformações ensejado pela emergência popular reativa à política de austeridade neoliberal (1990-1999): “podemos afirmar que la principal fuerza que impulso las experiencias progresistas y nacional-populares en los años dos mil fue el producto de un creciente rechazo ante el Consenso de Washington, o más bien, de las consecuencias del neoliberalismo en la vida cotidiana de millones de latino-americanos [...]” (Gaudichaud, 2019, p. 24). A década de 1990 foi o cenário de sucessivas crises econômicas que colocaram em xeque a capacidade do neoliberalismo de amenizar a corrosão social capitalista, uma vez que as três grandes economias do subcontinente, a saber: México, Brasil e Argentina enfrentaram uma forte instabilidade econômica que desencadeou inflexões sociais e políticas. Essa insatisfação impulsionou a reorganização das formas políticas de resistências e o retorno de uma atmosfera de explosão social:

La región se convirtió en el faro de un 'nuevo internacionalismo', por ejemplo, a través de la contracumbre en oposición al poderoso foro económico de Davos, o con la campaña continental contra la deuda. En paralelo, se gestaron desde Brasil y Porto Alegre, los primeros Foros Sociales Mundiales (FSM) que dieron nacimiento al movimiento altermundialista y sus diversas expresiones local-global. En 1992-1993, el MST participó a la formación de la 'Vía campesina', una articulación mundial de organizaciones rurales que militaban por la soberanía alimentaria y la agricultura campesina. En abril de 1997 también se fundó la Alianza Social Continental en Belo Horizonte. Esta coordinación reagrupó a los movimientos sociales de 35 países de América y el Caribe para luchar contra el proyecto del Área Libre Comercio de América (ALCA) [...] (Gaudichaud, 2019, p. 29).

A força contestatória logo deu espaço a perda da identidade obreira e social, levada a cabo, inicialmente, pela política conciliatória iniciada ainda nos governos neoliberais por meio de acordos sindicais realizados com as lideranças. Mecanismo radicalizado pelos governos progressistas que aprofundaram a profissionalização dos movimentos sociais. Essa efervescência social foi cooptada pelas forças progressistas que forjaram em si a capacidade de emergência como uma alternativa de gestão da crise capitalista. Isso se deu pela reorganização das relações sociais nos movimentos sociais que, embora surgidos sob o signo da horizontalidade, foram surpreendidos com os mecanismos de profissionalização que os capturaram em estruturas e ritualísticas burocráticas das políticas públicas.

A crise da hegemonia neoliberal (2000-2006) levou-nos ao “giro progressista” a partir de quatro insurreições populares que foram capturadas, mais tarde, pela memória progressista: Venezuela, Argentina, Equador e Bolívia. As forças progressistas conseguiram se apresentar como uma via alternativa de transformações capaz de estancar a sangria neoliberal. Agregando em si uma ampla rede de movimentos sociais, o progressismo irrompeu de forma brusca e disruptiva em países como Venezuela, Bolívia e Equador e de forma institucional no Brasil, Argentina, Uruguai e Nicaragua. Em muitos desses países, foram os movimentos sociais que impulsionaram a formação de partidos políticos ou contribuíram com eles. O progressismo se consolidou entre 2006-2013, com a sua institucionalização por meio das políticas sociais redistributivas e pela modernização capitalista levada a cabo pelo *boom* das *commodities*, pela articulação políticas públicas e extrativismo.

Nos anos seguintes, o subcontinente entrou em um novo período político. Isso se deu devido a uma série de acontecimentos: a morte de Chávez (2013), a derrota do kirchnerismo na Argentina (2015), a vitória da oposição nas eleições parlamentares na Venezuela (2015), o golpe parlamentar contra a presidente Rousseff (2016), a derrota do PT nas eleições municipais (2016), a derrota de Evo Morales na consulta sobre sua reeleição (2016):

Este reflujo corresponde a la época de caída de los precios de los *commodities* y de crisis (más o menos aguda) del modelo económico extractivista 'redistribuidor' de los progresismos, que se vio profundamente impactado por la coyuntura mundial. El impacto fue aún mayor por la ausencia de una transformación de fondo en las relaciones sociales de producción y de distribución, mientras el poder económico y mediático de las clases dominantes se mantuvo intacto e incluso se fortaleció en varios ámbitos, en particular en el sector financiero y agroextractivo. (Gaudichaud, 2019, p. 29).

Buscando viabilidade eleitoral, diante das expectativas de mudanças ensejadas pelos movimentos progressistas, e diante da perda de viabilidade das direitas tradicionais, as “ultradireitas” intensificaram

seus discursos, costurando cristianismo conservador, populismo penal, *extrativismo masculinista*,¹¹ capital financeiro, anticomunismo, estado mínimo e anticorrupção. Dizeres que encontraram espaço de circulação entre os buracos deixados pela corrosão social produzida pelo capitalismo e aprofundados pela lógica econômica das políticas progressistas que prometia mudanças pela alternativa eleitoral. A onda progressista será explorada politicamente pelas forças conservadoras para justificar a austeridade econômica sob o mote da moralidade. Tem-se início uma doutrina de choque e de austeridade (Klein, 2007), um neoliberalismo de combate. Logo,

Ao contrário de entender o momento que sucedeu a hegemonia do progressismo como uma reação – uma onda conservadora que se insurgiu contra avanços precedentes –, sugerimos que a tentativa progressista de conter a corrosão social em curso nos marcos da crise estrutural do capitalismo implicou o recurso a práticas, dispositivos e políticas que aceleraram esse mesmo processo, segundo uma dinâmica que nomeamos como *contenção aceleracionista*. (Santos; Feldmann, 2021, p.19).

Ou seja, longe de ser uma reação conservadora, uma política reacionária (reativa à), essa onda conservadora que implodiu o político na “América Latina”, a partir de 2010, corresponderia a um efeito da aceleração capitalista desencadeado pela tentativa de sua contenção nos parâmetros do próprio sistema. Os chamados “avanços sociais progressistas”, que buscavam, em tese, conter a corrosão social do capitalismo dependente, pela via reformista fraca (sem reformas de base, mas com a implementação de meras políticas públicas), implicou em um movimento que acelerou o processo que pretendia mitigar. A dinâmica contenção-aceleração é estrutural do modo de produção capitalista, por isso, todo “progressismo” acaba por inaugurar um paradoxo: o *progressismo regressivo*, nas palavras de Santos e Feldmann (2021).

Assim sendo, o enquadramento dos discursos da “ideologia de gênero” deve ser compreendido desde as contradições dos progressismos “latino-americanos”, desde a sua contenção aceleracionista. É preciso compreender o porquê a onda progressista não abriu caminho para um mundo melhor, mas, pelo contrário, abriu caminho aos dizeres das “extremas direitas”, a exemplo do anticomunismo, da ideologia de gênero, da anti-imigração, do racismo, do negacionismo científico,¹² do sadismo ecológico... Isto leva-nos a compreensão de que os discursos da “ideologia de gênero” não como uma estratégia política de sujeitos e partidos, desde o prisma da intencionalidade, mas sim como um

¹¹ A relação entre extrativismo, industrialização e políticas de masculinidade é explorada por Paul Pulé e Martin Hultman (2023). Para os autores, o conceito de “ecomasculinidade” representa o equivalente de gênero da governança capitalista nas questões climáticas, emergindo com o discurso do desenvolvimento sustentável. Seu objetivo seria neutralizar qualquer ameaça que o movimento ecológico possa apresentar ao modo de produção capitalista, utilizando a sustentabilidade para mascarar o colapso ambiental iminente. Essa estratégia obscurece o fato de que o “futuro” da vida no planeta, ou de parte dela, está atrelado à destruição do capitalismo. Embora os autores não abordem diretamente a conexão entre masculinidade e colapso ambiental, suas reflexões fornecem uma base fundamental para examinar essa relação.

¹² Lembrando que: “De acuerdo con la lógica de la justificación del sistema, el negacionismo es un fenómeno desproporcionadamente masculino. Las políticas anticlima de la extrema derecha vuelven a representar la punta de una estructura más profunda, una versión embrutecida de la ‘masculinidad industrial’ o, siguiendo los pasos de Daggett, una ‘hipermasculinidad’ o incluso ‘petromasculinidad’, aunque el prefijo ‘petro’ excluye al carbón; quizás debiéramos hablar también de masculinidades fosilizadas.” (Malm; Colectivo Zetkin, 2024, p. 542).

movimento da história, como efeito da razão neoliberal, como também produto do progressismo, efeito funcional que irá garantir a sobrevivência do progressismo como regressão. Compreendo, dessa forma, que o discurso da “ideologia de gênero” se baseia nos substratos da relação constitutiva neoliberalismo-progressismo-ultraliberalismo.

O movimento contenção-aceleração é um funcionamento da máquina capitalista para manter a sua ordem social, mobilizando afetos capazes de movimentar os sujeitos na defesa e na perpetuação da subjetividade capitalista. Para conter imaginariamente a corrosão social aprofundada pelo neoliberalismo da década de 1990-1999, surge o progressismo (2000-2013), marcado pela eleição de Hugo Chávez, na Venezuela (1998), movimento que viria a ser conhecido como *onda progressista*, primeiro como *esperança revolucionária*, com a versão mais forte do progressismo (Venezuela, Bolívia e Equador), onde “[...] constituições foram reescritas no início do século XXI com o objetivo de refundar nações” (Santos; Feldmann, 2021, p. 34); depois como *responsabilidade* (Argentina, Brasil), na figura do progressismo institucional, passando pelo progressismo *tardio* (México), e pelo *efêmero* (Paraguai)... o que acaba por acelerar essa corrosão. Surgindo, assim, uma nova tentativa de contenção, o ultraconservadorismo neoliberal (2013-2020), marcado pela derrota que o bolivarianismo sofreu nas eleições parlamentares de 2015, pela eleição de Mauricio Macri, na Argentina e pelo *impeachment* de Dilma Rousseff (2016), sinalizando o que ficou conhecido como *ressaca reacionária*.¹³

Com essa ressaca, mais uma vez o progressismo (2021-2024) é mobilizado como contenção, igualmente imaginária, da corrosão capitalista, a partir de uma política de *restauração* (Brasil, Argentina, Uruguai), “[...] porque busca a impossível reedição de um passado recente idealizado: enquanto a direita troca de pele, o progressismo se revela, literalmente, sem futuro.” (Santos; Feldmann, 2021, p. 34). Como veremos adiante, talvez a versão do progressismo ou sua inexistência (Peru e Colômbia: países que não mergulharam na *onda progressista*) tenha relação com a força ilocucionária social dos discursos das “extremas direitas”, a exemplo da “ideologia de gênero”, observada a partir da circulação destes dizeres.

Esse deslizamento *direita* → *esquerda* → *ultradireita* → *esquerda*... corresponde a uma gramática comum no subcontinente, ainda que consideremos os processos nacionais distintos em cada formação social. A gramática comum é resultante de uma conjunção de fatores sociais, econômicos e políticos que operam de modo a negar e minorar a necessidade da alternativa radical (revolucionária) e a responsabilização do modo de produção capitalista pela corrosão social. Nesse deslizamento, as forças contestativas se apresentam como solução, responsabilizando os governos estabelecidos pela crise capitalista. Como efeito, temos o escamoteamento do caráter estrutural dessa crise, buscando, assim, neutralizar e apagar a materialidade do antagonismo real.

Nos países que experienciaram as versões mais fortes das políticas progressistas – marcadas pelo elemento anti-imperialista, em conflito com os interesses da burguesia estadunidense, mas sem

¹³ Embora o Brasil e Argentina tenham expressado versões mais moderadas do progressismo, pela institucionalização e produção da imagem de responsabilidade no progresso, tendo modificado minimamente suas ordens sociais, políticas e econômicas, foram essas regiões que apresentaram versões mais caricatas e teatrais da política regressiva da direita, com a eleição de figuras como Jair Bolsonaro e Javier Milei, expoentes globais da “extrema-direita”.

apresentarem uma política anticapitalista em sua essência, afinal o caráter institucional e eleitoral deram o compasso dessas experiências, além, é claro, de não representarem risco às burguesias nacionais (Gaudichaud, 2019) – foram as regiões que apresentaram os efeitos mais severos da crise do progressismo. No Equador, a crise eclodiu pela esfera social, com a conversão do *Partido Alianza País* em um partido de austeridade, incorporando a oposição à ordem e reagindo fortemente à esquerda indígena: “Foi esse progressismo autoritário, cúmplice do capital financeiro e do extrativismo, que o voto popular castigou no Equador” (Santos; Feldmann, 2021, p. 39); na Bolívia, pela esfera política: [...] assistimos na Bolívia a uma tentativa do progressismo, uma vez convertido em poder, de se perpetuar no governo, a despeito das regras que ele próprio estabeleceu” (Santos; Feldmann, 2021, p. 41); e na Venezuela, pela esfera econômica, país que expressou a versão mais forte e profunda do progressismo, visto que, com a tentativa de golpe fracassado de 2002, a força progressista reafirmou um compromisso com a mudança (dentro dos limites do sistema) e não com a ordem, como foram as respostas das demais experiências progressistas, o que levou ao “*progressismo como desastre*, uma realidade encarnada no corpo dos cinco milhões de migrantes que [...] deixaram o país, mas também no daqueles que ficam.” (Santos; Feldmann, 2021, p. 48).

No Brasil, na Argentina e no Uruguai, tivemos as experiências menos ousadas de progressismo. Nessas formações sociais, devido aos seus processos históricos, o progressismo buscou expressar um modo de regulação do conflito social, dentro da estrita normalidade burguesa. Com burguesias fortalecidas devido sua proximidade com as elites militares, as políticas progressistas nesses países limitaram-se a gerir e mediar as tensões sociais, investindo na institucionalização dos movimentos sociais, com a profissionalização partidária de suas principais figuras, o que acabou levando ao enfraquecimento da capacidade de mobilização das massas: “Argentina e Uruguai [...] produzem diferentes versões de progressismo responsável. Neles, a esquerda partidária se apresenta de modo explícito como uma alternativa da ordem, posição que o PT ambiciona recuperar no Brasil.” (Santos; Feldmann, 2021, p. 56-7).

Embora muitos considerem que “A expectativa do partido é que Bolsonaro se dissipe como um pesadelo e as eleições voltem a ser disputadas dentro da normalidade burguesa” (Santos; Feldmann, 2021, p. 57), não podemos desconsiderar que Bolsonaro não representa uma ameaça à normalidade burguesa, ainda que ela o produza como anomalia, assumindo a dimensão de discursividade de simulação, ou melhor: “os elementos pré-construídos do interdiscurso são incorporados ou absorvidos pelo intradiscursos; mas essa incorporação é, ao mesmo tempo, o objeto de uma *dissimulação*” (Courtine, 2014, p. 206). A construção do PT como partido da esperança necessita do seu polo negativo: a barbárie bolsonarista. Por isso, o discurso petista insiste em intensificar a fabricação do *fascismo imaginário* que, entre muitos efeitos, centraliza e unifica na figura do Partido a imagem de esperança. *Somente Lula seria capaz de fazer recuar a ameaça fascista*. Não é difícil de ver que o progressismo brasileiro tem investido na política do mal menor: “[...] a esperança de que o líder voltará triunfante antes do juízo final para evitar o apocalipse” (Santos; Feldmann, 2021, p. 57).

Gozando da posição geopolítica de país subimperialista na América do Sul, o progressismo brasileiro assume a “vanguarda” no subcontinente: “[...] no Brasil, o processo de esterilização do

progressismo como alternativa e a desconstrução do arcabouço institucional que lhe deu lastro avançaram rapidamente” (Santos; Feldmann, 2021, p. 55).

O progressismo mexicano renova a esperança que ainda se coloca nas políticas progressistas. Isto porque, como o progressismo mexicano se concretiza apenas em 2018,¹⁴ com a vitória de Andrés Manuel López Obrador, já no contexto da mobilização das “ultradireitas” no subcontinente, haveria, talvez, uma esperança de que essa forma política expressasse algo para além de uma alternativa de gestão da crise.¹⁵ Contudo, mais uma vez, o progressismo acaba renovando a legitimidade da política e da economia que ele simula combater. Não importa a intencionalidade das figuras políticas, o progressismo é um fato discursivo-ideológico que expressa a simulação do capital, reforçando aquilo que ele afirma combater: “Em suma, a experiencia mexicana indica que o *progressismo tardio* não é uma carta fora do baralho do ponto de vista da gestão da ordem,¹⁶ particularmente nos países onde ele ainda não chegou à presidência. Entretanto, sua margem de manobra como alternativa de gestão da crise tende a ser cada vez mais reduzida.” (Santos; Feldmann, 2021, p. 52). O progressismo expressa, com efeito, uma ecologia capitalista, um instrumento da gestão dos afetos, revelando, no máximo, um conflito interno entre facções da burguesia.

¹⁴ Talvez o progressismo tenha surgido de forma tardia no México porque “[...] el neoliberalismo floreció tardíamente al principio de la década de los ochenta del siglo pasado, a diferencia de países como Chile, donde se impuso, una década atrás, bajo la dictadura de Pinochet, y otros países latinoamericanos en donde también se desplegó bajo el perverso ciclo de las dictaduras militares y sus férreas políticas económicas antipopulares. El de Miguel de la Madrid (1982-1988) fue el primer gobierno mexicano francamente neoliberal que comenzó a aplicar sistemáticamente las políticas de privatización de las empresas públicas y las políticas de austeridad recomendadas por el Fondo Monetario Internacional (FMI) y el Banco Mundial (BM)” (Sotelo Valencia, 2014, p.70).

¹⁵ “En el aspecto político-social, la crisis mexicana se expresó en la irrupción de la revolución (neo) zapatista de enero de 1994 y, seis años después, en la crisis política que sacudió al sistema político mexicano y que, después de 71 años de dominio del partido oficial del Estado, Partido Revolucionario Institucional (PRI) llevó a las fuerzas de la derecha, encabezadas por el Partido Acción Nacional (PAN), a la presidencia de la república en las elecciones de 2000. Se registró, valga subrayar de paso, la famosa ‘alternancia’, que no es tal sino un auténtico arreglo pactado y cupular entre los líderes de la partidocracia mexicana, los empresarios y, de algún modo, de manera directa o indirecta, el gobierno de Estados Unidos.” (Sotelo Valencia, 2014, p. 63). Essa dinâmica é complexificada a partir de 2017 com a irrupção do Movimento Regeneração Nacional, o Partido Morena, que levou Andrés Manuel López Obrador a presidência da República em 2018, inaugurando o progressismo mexicano, elegendo também a maioria do Congresso Nacional. E, em 2024, elegeu Claudia Sheinbaum como a primeira presidenta do país e herdeira do *obradorismo*. Nessas eleições, formou-se uma frente ampla representada pela grande coalizão política, *Fuerza y Corazón por México*, formada por três partidos políticos: o conservador PAN, o centro-esquerda PRI e o social-democrata Partido da Revolução Democrática (PRD), sob o nome de Xóchitl Gálvez do PAN.

¹⁶ Outros aspectos a serem considerados em relação a dimensão tardia do progressismo mexicano é tanto o processo revolucionário singular e sua institucionalização responsável pela identidade do estado-nação mexicano durante grande parte do século XX, como, mais expressivamente, a ausência de uma ditadura militar no país, na contramão do processo neoliberal expresso nas demais formações socioespaciais do subcontinente: “En síntesis, el patrón de acumulación capitalista dependiente entró en crisis en algunas naciones del Cono Sur de América Latina, lo que implicó la agudización de las contradicciones que condujeron a la instauración de dictaduras militares de corte fascista y, posteriormente, al proceso de democratización, coincidente con el neoliberalismo, a partir de la segunda mitad de la década de los ochenta. En México se impuso desde arriba, mediante un acuerdo estratégico entre el gran capital (nacional) y extranjero y el Estado corporativo, sin necesidad de que lo antecediera un golpe militar de esa naturaleza.” (Sotelo Valencia, 2014, p. 67).

Peru e Colômbia expressariam casos singulares. O Peru expressou o paroxismo da relação entre ditadura e democracia no subcontinente. Alberto Fujimori (1990-2000) buscou desenhar uma ditadura por meios democráticos através de uma política de ajustes de choque (Klein, 2007). Tempos mais tarde, diante da fragmentação da direita fujimorista produzida pela disputa aberta por Keiko Fujimori, em 2016, o progressismo peruano irrompe na figura do conservador professor e sindicalista Pedro Castillo que passava a representar as esperanças de um Peru profundamente fraturado. Keiko Fujimori, representante do conservadorismo peruano, apresentava posições mais moderada que Castillo em relação à temas morais, como por exemplo o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Questionado sobre casamento igualitário, Castillo disse em abril que era “pior ainda” do que o aborto. “Família em primeiro lugar”, disse ele. Fujimori, por sua vez, expressou em 2016 que era “a favor da união patrimonial, mas contra a adoção de casais do mesmo sexo”, em entrevista ao *Latina Notícias*. Talvez, por isso, o discurso da “ideologia de gênero” não tenha pautado as eleições presidenciais de 2021. A vitória de Castillo sobre Keiko Fujimori nas eleições de 2021 logo será assombrada por um controverso processo de destituição, em 2022, sob acusações de autogolpe (Castillo tentou de dissolver o Congresso) e de golpe; o que indica que “[...] no Peru, o tempo do progressismo pode estar passando, sem nunca ter chegado.” (Santos; Feldmann, 2021, p. 69). A vice-presidente, Dina Boluarte, assumiu a presidência. O discurso progressista durou pouco e o governo de Boluarte guinou expressivamente para a direita. Em maio de 2024, por exemplo, o governo do Boluarte publicou um decreto segundo o qual o “transexualismo” e o “transtorno de identidade de gênero” são considerados “problemas de saúde mental”, mobilizando, com isso, dizeres típicos do discurso da “ideologia de gênero”. Conforme o sociólogo Carlos Reyna:¹⁷ “Una persona que apaña, encubre y apoya que las fuerzas armadas y policiales disparen al cuerpo de civiles desarmados no puede decir que pertenece a una variante moderada, sea de izquierda o de derecha. Si a algo se parece Boluarte es a las peores versiones de la extrema derecha”. (2023, *online*).

Com Álvaro Uribe (2002-2010), a Colômbia, país igualmente marcado pela ausência do progressismo como forma de governo, teria encarnado o oposto do progressismo, fazendo da guerra ao terror uma política popular. Nesses países que não viveu a política progressista, o discurso da “ideologia de gênero” circulou de forma emblemática. O sucessor de Uribe, seu ex-Ministro da Defesa, Juan Manuel Santos (2010-2018) abriu negociações com as *Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia – Ejército del Pueblo* (FARC-EP). Uribe se colocou contra o acordo de paz, liderando os afetos pela continuidade da guerra. O governo promoveu uma consulta popular no qual o “sim” à paz foi derrotado em 2016. O *uribismo* patrocinou uma campanha argumentando que a paz abriria caminho ao comunismo e a degeneração moral, inclusive alegando que o acordo de paz seria responsável por implementar a famigerada “ideologia de gênero”, colocando em risco à família, os valores cristãos e a

¹⁷ REDAÇÃO IDEELERADIO. Carlos Reyna sobre Dina Boluarte: “Es un títere del Congreso y de los militares”. *Ideeleradio*, 12 out. 2023. Disponível em: <https://www.ideeleradio.pe/lo-ultimo/carlos-reyna-sobre-dina-boluarte-es-un-titere-del-congreso-y-de-los-militares/>. Acesso em: 22 out. 2024.

própria pátria: “O ubirismo é pioneiro na política de ódio no continente e na criação dos inimigos imaginários que o adornam” (Santos; Feldmann, 2021, p. 61).

A questão colocada com essas experiências é se elas atestariam o fracasso ou a realização do progressismo, uma vez que como contenção orquestrada no seio do modo de produção capitalista, sem nenhum caráter revolucionário, ao contrário, “[...] talvez seja essa a cara do progresso na América Latina do século XXI” (Santos; Feldmann, 2021, p. 49). A ideologia do progresso se reafirma na atualização do ideal do desenvolvimento, do extrativismo, no qual a designação *sustentável* diz da sustentabilidade do modo de produção capitalista e não das condições ambientais necessárias a continuidade da vida humana, expressando a fórmula: *mais capitalismo para corrigir o capitalismo*. “Diante da predação da natureza e da expulsão de comunidades avessas a essa forma de acumulação, houve governos [progressistas] que pautaram os direitos indígenas e o Bem Viver com uma mão, enquanto reintroduziram a desposseção e a destruição de meios de vida com a outra” (Santos, 2021, p. 84). Embora não chegue a negar expressamente o colapso ambiental, tal como o faz o discurso ultraconservador, o discurso progressista acaba por minorar sua realidade, por meio da afirmação do progresso extrativista e neoliberal. Por isso, um dos expoentes do progressismo *latino-americano*, “Correa sempre considerou o ‘esquerdismo’, o ‘ecologismo’ e o ‘indigenismo’ como os piores inimigos do seu projeto – segundo suas próprias palavras” (Santos, 2021, p. 13).

Assim, o modelo progressista transmutou-se em extrativismo. O desenvolvimentismo progressista traduz a radicalização da dependência industrial e tecnológica, com o aprimoramento das tecnologias de exploração dos recursos naturais. O progressismo se produziu em torno do discurso de mais extração de petróleo, gás natural e carvão mineral.

Conforme lembram Malm e Colectivo Zetkin (2024), o extrativismo se relaciona diretamente com a política de masculinidade capitalista. Isto porque o extrativismo, enquanto ideologia política, se baseia nos substratos fósseis da masculinidade funcional à lógica do capital:

En la época prefósil, la naturaleza orgánica se respetaba hasta cierto punto, e incluso se la consideraba inviolable, como una madre, en cierto modo. Cuando comenzaron las extracciones, hizo falta abandonar tales inhibiciones; en su lugar, surgió la idea del sometimiento mediante la entrada: ‘Aún quedan en el vientre de la naturaleza multitud de secretos de excelente utilidad’, escribió emocionado Francis Bacon. Los mineros estaban ‘buscando en las entrañas de la naturaleza’, ya que la verdad y la fortuna estaban ‘ocultas en determinadas minas y cuevas profundas’. La extracción de carbón se entendía como una actividad masculina, una penetración del reticente cuerpo femenino; la naturaleza ya no era tan virgen, sino más bien una prostituta o una ‘vulgar ramera’, como sugirió Bacon, que exhortó a los hombres ingleses a ‘agarrarla y capturarla’. Desde entonces, la perforación en busca de combustibles fósiles se ha representado a menudo como una exhibición de masculinidad muscular, al igual que su quema: ‘El poder explosivo de la combustión se podría equiparar aproximadamente con la virilidad’. (Malm; Colectivo Zetkin, 2024, p. 542).

Na realidade das formações sociais “latino-americanas”, a contrainsurgência se configura como forma estatal,¹⁸ mesmo quando não há insurgência. Trata-se de uma de suas metamorfoses: *um estado*

¹⁸ “[...] o Estado de contrainsurgência é o Estado corporativo da burguesia monopólica e das Forças Armadas, independente da forma que assumo esse Estado, quer dizer, independente do regime político vigente. Esse dito Estado apresenta similaridades formais com

de contrainsurgência com insurgência imaginária. “[...] e esse nos parece ser o caso dessa nova regularidade da guerra, através da reedição da contrainsurgência” (Fidelis; Seabra, 2021, p. 413), que acaba por gerenciar o movimento contenção-aceleração, progressismo-conservadorismo. O progressismo, por vezes, é produzido como gestão alternativa, como insurgência imaginária e esperança contra um fascismo imaginário; enquanto a “reação conservadora” surge como gestão alternativa (contenção), contrainsurgência e esperança contra um comunismo imaginário: “[...] a aceleração sistêmica se torna [imaginariamente] antissistêmica.” (Santos, 2021, p. 109).

Nesse quadro, formas da política convencional que incluem o progressismo podem ser evocadas em defesa do sistema, ou seja, para conter as tendências antissistêmicas decorrentes da aceleração do sistema” (Santos, 2021, p. 110). A aceleração sempre implica contenção e a contenção sempre pressupõe a aceleração. Se de um lado o conservadorismo comparece como o acirramento da guerra, da guerra inevitável, caberia ao progressismo assumir a promessa de paz, uma paz possível nos limites das contradições capitalistas. Essa tem sido a gramática da história “latino-americana” das últimas décadas: aceleracionismo sistêmico (liberalismo) → contenção (progressismo/neoliberalismo) → aceleracionismo “antissistêmico” (neofascismo/neoliberalismo)¹⁹ → ...

3. Considerações finais

A compreensão do progressismo na “América Latina” revela um cenário complexo, onde as tentativas de mudança social e econômica frequentemente se entrelaçam com a reprodução de estruturas de poder e o aprofundamento das contradições capitalistas. Embora os movimentos progressistas tenham surgido imaginariamente como uma resposta a um contexto neoliberal de crise, suas práticas e políticas não conseguiram ir além da gestão da ordem estabelecida, pois não colocam em questionamento essa mesma ordem. Como saldo, “[...] operou-se uma readequação da vocação pretérita do subcontinente como exportador primário, único caminho vislumbrado diante da dinâmica capitalista de curto prazo que se impõe, colonizando e brutalizando o presente” (Santos, 2021, p. 85). Essa dinâmica, caracterizada como contenção-aceleração, gera um paradoxo em que as promessas de transformação social acabam por legitimar novas formas de exploração e opressão, resultando na emergência de discursos conservadores que capitalizam sobre as frustrações geradas pelas limitações do progressismo.

Assim, a “ideologia de gênero” se formula, na formação social “latino-americana”, não como uma resposta a uma suposta ameaça progressista (simulação), mas como um efeito das tensões e

o Estado fascista, assim como com outros tipos de Estado capitalista, mas sua especificidade está em sua peculiar essência corporativa e na estrutura e funcionamento que geram dali. Chamá-lo de fascista não nos faz avançar um passo na compreensão do seu significado” (Marini, 1978, p. 24).

¹⁹ Que goza também de um aspecto imaginariamente contencioso: conter o avanço da esquerda (do comunismo imaginário).

contradições do modo de produção capitalista dependente. A circulação mais expressiva de discursos da “extrema direita” e o fortalecimento de narrativas conservadoras, mobilizadas pela insatisfação com os resultados dos movimentos progressistas, colocam em jogo a necessidade de compreender esses discursos como efeito da pacificação da luta de classe pela estrutura capitalista, que, longe de ser erradicada, tendem a se reconfigurar sob novas roupagens, perpetuando assim um ciclo de superexploração. A descrição das coordenadas ideológicas do discurso da “ideologia de gênero” passaria, portanto, pela compreensão das características específicas da luta de classes no subcontinente.

Para a narrativa progressista, o discurso da “ideologia de gênero”, ou melhor, toda a gramática política conservadora (discurso do “globalismo”) expressaria, tão-somente, uma reação às conquistas supostamente alavancadas pelos seus governos. Essa onda “reacionária”, normalmente patrocinada pelo governo estadunidense, assim afirmam, expressaria uma reação da “elite conservadora” que não aceita que o “pobre tenha entrado no orçamento”, e que não admitiria às mudanças comportamentais do novo milênio. Como destacam, Santos e Feldmann (2021), a principal dificuldade desse argumento é explicar por que se tolerou, então, a eleição dos progressistas. E acrescento: em nenhuma experiência progressista, o privilégio de classe e a existência da burguesia estiveram minimamente ameaçados. A narrativa progressista se produz como exterior em relação aos interesses burgueses e aos interesses imperialistas, quando, em verdade, o progressismo traduz os interesses materiais das classes capitalistas: “Diante da impossibilidade de localizar interesses materiais como alicerce de uma oposição de classe ao progressismo, é comum supervalorizar elementos subjetivos na explicação – por exemplo, a intolerância para com um índio na presidência da Bolívia ou um metalúrgico [e depois uma mulher] na do Brasil” (Santos; Feldmann, 2021, p. 80-1).

Se o progressismo nunca representara uma ameaça real aos interesses classistas, a suposta reação às conquistas sociais perde sua sustentação lógica. Em suma, sendo o progressismo impotente em modificar a corrosão social do capitalismo, acabou por servir como um catalisador, acelerando uma onda muito pior. Talvez, precisemos reconhecer que aquilo que, efetivamente, se viu não foi o “progresso”, “[...] o que efetivamente se viu foi uma regressão, evidenciada pelo aumento do hiato e da dependência em relação aos polos centrais do capitalismo, que acompanhou uma nova rodada de exploração dos aspectos arcaicos das estruturas econômicas da América Latina” (Santos, 2021, p. 85). Em resumo, os governos progressistas reforçaram os instrumentos de institucionalidade e de legalidade liberal-democrática. Com diferentes intensidades, os governos progressistas voltaram a colocar a legitimidade do Estado, com seus mecanismos de controle político, a saber, o sindicalismo corporativo e o partidarismo, no centro da racionalidade política contemporânea. Com o progressismo, a atualidade política da “América Latina” foi forjada no culto ao Estado, ou melhor, na estadolatria e na partidocracia progressistas (Modonesi, 2019).

A contenção aceleracionista, colocada em curso com as experiências progressistas, deve ser tomada não em termos de escolha racional, suposta traição de figuras e personalidades políticas, mas sim como contingência histórica, é o movimento da história, a impessoalidade da lógica da produção de valor imposta pelo modo de produção capitalista dependente. Isto porque “[...] a tentativa de conter

a dessocialização autofágica implica práticas e arranjos políticos que alimentam forças e tendências corrosivas, as quais se pretende conter – o que, em última análise, termina por acelerá-las” (Santos, 2021, p. 92). E isso coloca o progressismo a serviço da normalidade burguesa, reforçando a legitimidade deste metabolismo, uma vez que mobiliza a esperança dos sujeitos na possibilidade de contenção pela via eleitoral e reformista. Sendo, portanto, o progressismo um efeito da lógica do capital.

Para apagar exatamente isso, garantindo sua sobrevivência como alternativa de gestão pela esperança, o progressismo investe na polemização, com a produção do medo. Com isso, a excepcionalidade do fascismo é evocada, dissimulando sua funcionalidade em relação ao modo de produção capitalista e sua imbricação com a igreja. Assim, o discurso progressista bombardeia-nos com imagens da suposta anormalidade de um fenômeno que precisamos combater: o extremismo de direita. Um dos efeitos dessa mobilização, é a intensificação do paradigma da moderação e da responsabilidade personificada na direita tradicional. Com isso, perde-se o debate sobre os interesses de classe. Já não se coloca em questão que a direita é o partido da burguesia.

Informações complementares

Avaliação e resposta dos autores

Avaliação: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v24i1.2310.R>

Resposta dos autores: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v24i1.2310.A>

Editora

Raquel Meister Ko. Freitag

Afiliação: Universidade Federal de Sergipe

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4972-4320>

RODADAS DE AVALIAÇÃO

Avaliador 1: Marcos Bispo

Afiliação: Universidade do Estado da Bahia

Avaliador 2: Amanda Batista Braga

Afiliação: Universidade Federal da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6026-5017>

Avaliador 3: Carlos Felix Piovezani Filho

Afiliação: Universidade Federal de São Carlos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3612-983X>

AVALIADOR 1

O manuscrito tem como objeto um tema altamente importante no contexto sociopolítico da América Latina, dada a importância que a chamada “ideologia de gênero” desempenha como um importante tema que divide conservadores e progressistas nos embates eleitorais e nas agendas relacionadas às políticas da sexualidade. No quadro dos atuais estudos sobre o tema, o autor apresenta como diferencial de sua abordagem o foco nas questões de língua e discurso, ausentes em pesquisas voltadas para o campo educacional, sociológico, históricos e dos estudos de gênero. Para desenvolver sua abordagem discursiva, o autor sinaliza, na Introdução, que vai utilizar a Análise de Discurso materialista. O objetivo do texto foi apresentado apenas no Resumo, um elemento pré-textual, mas não foi apresentado na Introdução. Ainda na apresentação do objetivo, o autor apresentou sua tese, na qual estabelece uma relação necessária entre ideologia de gênero e capitalismo.

No desenvolvimento de sua argumentação, porém, o autor não consegue comprovar essa tese de maneira inequívoca, de modo que sua conclusão se mostra meramente subjetiva. Essa fragilidade do texto se deve, em grande medida, à falta de uma fundamentação teórica no campo da teoria do discurso de base materialista, com a qual o autor se compromete a tratar das questões discursivas que estruturam a ideologia de gênero. Sem isso, o texto não apresentou categorias de análise e perdeu-se em longas exposições meramente descritivas sobre os usos e significados da expressão “ideologias de gênero” em diferentes países. O texto também não apresenta uma discussão pertinente sobre as características do capitalismo latino-americano que favoreceram a emergência e a circulação da ideologia de gênero, dado que compromete, inclusive, a adequação do título do texto.

Do ponto de vista formal, alguns aspectos merecem observações que podem ajudar o autor na reestruturação de seu texto. O Resumo não contemplou todos os elementos que esse gênero exige. A Introdução também não apresentou o problema, as bases teóricas da análise, a metodologia e a estrutura do texto. O desenvolvimento contou com uma única seção, na qual não se identifica a fundamentação teórica, a metodologia e as reflexões que deveriam conectar discurso, ideologia de gênero e capitalismo. As considerações finais também apresentam problemas de estrutura, de maneira que sua função no texto fica prejudicada. Outros comentários e observações são feitos no manuscrito anexo a este parecer.

AVALIADOR 2

O artigo propõe empreender uma reflexão sobre o discurso da “ideologia de gênero” na América Latina. Particularmente, objetiva-se descrever as formações discursivas e as condições históricas

que permitiram a formulação e a circulação desse discurso em países como Brasil, México, Colômbia, Venezuela, Peru e Bolívia. Já no início do texto, o autor localiza o trabalho dentro da área dos estudos linguísticos, mas a discussão é notadamente política, de modo que sua contribuição se situa mais na apresentação das condições de produção do discurso do que em sua análise, propriamente dita. Nesse sentido, é um texto que oferece a outros pesquisadores o horizonte discursivo, histórico e político a partir do qual esses discursos podem ser analisados. De modo geral, é uma proposta interessante e muito bem executada. A discussão é verticalizada, minuciosa e o texto muito bem escrito.

A despeito disso, pontuo aqui duas sugestões que podem ser levadas em consideração antes de sua publicação. A primeira delas é a seguinte: já na introdução, indica-se que o trabalho dialoga com os pressupostos da Análise do Discurso materialista. Durante toda a discussão, o autor lança mão de noções e conceitos do campo: “formação discursiva”, “formação imaginária”, “sujeito”, “condições materiais de formulação e circulação”, “condições de produção do discurso”, “atravessamentos ideológicos”, “materialidades discursivas”, “efeito de evidência”, “pré-construídos do interdiscurso” etc. Essas são ferramentas que decorrem principalmente dos trabalhos de Michel Pêcheux. No entanto, em nenhum momento está dito o que se entende por cada um desses termos. Michel Pêcheux sequer é mencionado. Aliás, grande parte da discussão teórica pautada na Análise do Discurso é desenvolvida sem referência a uma fonte. A exceção é Jean-Jacques Courtine, citado uma única vez na página 21. Minha sugestão, então, é que o autor, na introdução do artigo, ainda que rapidamente, possa apresentar esse quadro geral da AD materialista e situar aí as ferramentas de que faz uso. Além disso, uma segunda sugestão diz respeito à necessidade de apresentar ao leitor do artigo a tradução das tantas citações feitas em língua espanhola, o que pode facilitar a leitura e oferecer a um maior número de pessoas o efetivo acesso à discussão.

No mais, recomendo a publicação do artigo.

AVALIADOR 3

A ideia central do artigo consiste em sustentar que o progressismo latino-americano e sua "contenção aceleracionista" promovem a formulação e a circulação de discursos conservadores, entre os quais, o da "ideologia de gênero". Trata-se de ideia relativamente original, porque já presente em ensaios e análises de outras obras e autores, alguns dos quais mencionados no próprio artigo. Mas, não se trata aí de nenhum demérito, até porque sua reflexão alcança o objetivo devidamente formulado no texto. Em conjunto com essa sua originalidade e com a definição e o alcance de seu objetivo, o artigo tem argumentação bastante consistente, linguagem clara, correta e conveniente e bibliografia atualizada. Em que pese o fato de algumas passagens produzirem o efeito de responsabilidade exclusiva do campo progressista pela crise política do subcontinente e o de uma espécie de inação da extrema-direita, sou de parecer favorável à sua publicação, em razão das várias qualidades que o texto apresenta. No arquivo Word que encaminho abaixo, registrei algumas dúvidas, críticas e imprecisões menores, que podem eventualmente ser consideradas pelo autor.

RESPOSTA DO AUTOR

Prezada equipe editorial,
Prezado parecerista,

Agradeço a leitura atenta do meu artigo “Progressismo e ‘ideologia de gênero’: a produção discursiva da crise no capitalismo dependente latino-americano” e pelas observações críticas que certamente contribuíram para o aprimoramento do texto.

A seguir, apresento minha resposta aos principais pontos levantados no parecer desfavorável.

Reconheço que, na versão anterior, o objetivo do trabalho aparecia de maneira mais evidente apenas no resumo. Por isso, reescrevi a introdução para que o objetivo e a tese central ficassem explicitados com clareza logo no início, delimitando o recorte teórico e justificando a escolha pela abordagem discursiva (não empírica), de natureza ensaística.

Concordo que a ausência explícita de referências a Michel Pêcheux e à tradição da Análise Materialista do Discurso poderia gerar lacunas interpretativas. Na nova versão, inclui uma passagem na introdução em que apresento o referencial teórico do trabalho e nomeio os principais conceitos mobilizados, indicando sua filiação à AD tal como desenvolvida por Pêcheux e Eni Orlandi. Contudo, por se tratar de um ensaio teórico-reflexivo, optei por não desenvolver definições conceituais extensas, mantendo o caráter ensaístico do texto, conforme justificado no texto.

Entendo a crítica quanto à ausência de um aparato metodológico tradicional, mas reitero que este trabalho tem natureza teórico-interpretativa. A metodologia adotada está descrita na nova versão, destacando o caráter não empírico da pesquisa e seu enquadramento em uma abordagem discursiva crítica voltada à descrição das condições de produção. A utilização do Google Trends, por exemplo, é justificada como ferramenta indiciária, articulada à reflexão discursiva sobre circulação e formulação.

Fortaleci, ao longo do texto, a articulação entre as categorias de análise e os processos históricos e ideológicos que sustentam a relação entre discurso da “ideologia de gênero” e o capitalismo dependente latino-americano. Para isso, reescrevi partes da argumentação, inseri novas referências bibliográficas e detalhei melhor o conceito de contenção aceleracionista, articulando-o às especificidades das formações sociais analisadas.

O resumo foi reescrito para incluir com mais clareza os elementos exigidos pelo gênero, como objetivo, metodologia e conclusão. A estrutura do texto foi reorganizada, e as considerações finais foram reescritas com o intuito de retomar a tese com mais força e evidenciar os desdobramentos políticos e teóricos do argumento.

Agradeço mais uma vez pela leitura e pelas contribuições. Mesmo discordando de algumas premissas do parecer, compreendo a importância do debate teórico e da exigência de rigor, e procurei, na medida do possível, contemplar os pontos levantados sem descaracterizar o escopo e o estilo do trabalho, que é de natureza teórica e crítica, ancorado no campo da Teoria do Discurso.

Atenciosamente,
Rick Afonso-Rocha

Conflito de Interesse (obrigatório)

O autor não tem conflitos de interesse a declarar.

Protocolo e Pré-Registro de Pesquisa (obrigatório)

O autor declara que consultou os roteiros da EQUATOR Network e verificara que nenhuma das diretrizes específicas se aplica ao delineamento do presente estudo, que se insere em uma abordagem teórico-discursiva. O manuscrito, portanto, não adota nenhuma diretriz formal da EQUATOR. Além disso, informo que a pesquisa não foi pré-registrada em repositório institucional independente, por não se tratar de um estudo empírico, experimental ou com coleta sistemática de dados.

Declaração de Disponibilidade de Dados (obrigatório)

Este manuscrito consiste em um ensaio de reflexão teórica com abordagem interpretativo-discursiva, fundamentado exclusivamente em dados disponíveis publicamente na internet e em fontes bibliográficas acessíveis. Não foram coletados dados empíricos originais, tampouco desenvolvidos códigos ou materiais específicos cuja disponibilização pública se aplique. Assim, não há conjuntos de dados, códigos ou materiais adicionais a serem compartilhados.

Fontes de financiamento

Este trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), por meio de bolsa de doutorado concedida ao autor. O autor também contou com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio do Programa Institucional de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), com bolsa concedida durante estágio de pesquisa no exterior.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Filipe. **Processos de construção da fórmula “ideologia de gênero”**. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2020.

AGUILAR DE LA CRUZ, Hedilberto. *#ConMisHijosNoTeMetas: un modelo evangélico de resonancia mediática y política en Perú*. In: BÁRCENAS BARAJAS, Karina. (Coord.). **Movimentos antigênero em América Latina:**

cartografias do neoconservadurismo. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Sociales, 2022.

ALI, Tariq. **Piratas del Caribe**: el eje de la esperanza. España: Foca ediciones, 2008.

AVELINO NETO, Diogo. **O discurso do Escola sem Partido**: polêmica e interdição. Dissertação (mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2022.

BALIEIRO, Fernando; DUQUE, Tiago. Notas sobre uma cruzada moral na era digital: a “ideologia de gênero” como ameaça à sociedade brasileira. In: AMARAL, Fernanda Pattaro *et al.* **El desangramiento latino americano**: un panorama político contemporáneo sobre la reorganización y la reconfiguración del estado neoliberal. Barranquilla: Corporación Universitaria Americana, 2018.

BAMBIRRA, Vania. **O capitalismo dependente latinoamericano**. Florianópolis: Insular, 2019.

BÁRCENAS BARAJAS, Karina. El movimiento antigénero en México: de las alianzas estratégicas a los horizontes de gubernamentalidad. In: BÁRCENAS BARAJAS, Karina. (Coord.). **Movimentos antigênero em América Latina**: cartografias do neoconservadurismo. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Sociales, 2022.

BÁRCENAS BARAJAS, Karina. Elecciones presidenciales 2018 en México: la ciudadanía religiosa contra la “ideología de género”. **Estudios sociológicos**, v. 38, n. 114, p. 763-793, 2020.

BUTLER, Judith. **Quem tem medo do gênero?** São Paulo: Boitempo, 2024.

CASSANA, Mônica Ferreira. Eles não sabem o que fazem?: o discurso cínico e ideologia de gênero. **Rev. Investigações**, Recife, v. 31, n. 2, 2018.

CORRÊA, Sonia. A “política do gênero”: um comentário genealógico. **Cadernos Pagu**, v. 54, 2018.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EDUFSCAR, 2014.

DOMINGUES, Amanda Vanele Prates. **Memória e efeitos de sentido de gênero e sexualidade**: dos documentos oficiais de educação (1996- 2016) às eleições presidenciais 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019.

FIDELIS, Thays; SEABRA, Raphael. Fascismo e profissionalização da contrarrevolução no Brasil. **Revista Katálysis**, v. 24, p. 407-416, 2021.

FREITAS, Ronaldo Adriano de. **Instrumentação linguística em rede**: análise discursiva de dicionários online. 2020. 215 f. Tese – (Doutorado em Linguística), Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2020.

GAUDICHAUD, Frank. Conflictos, sangre y esperanzas: progresismos y movimientos populares en el torbellino de la lucha de clases latinoamericana. In: GAUDICHAUD, F.; WEBBER, J.; MODONESI, M (Orgs.). **Los gobiernos progresistas latinoamericanos del siglo XXI**: ensayos de interpretación histórica. Ciudad de México: UNAM, 2019.

GAYTÁN ALCALÁ, Felipe. De la wiphala a la Biblia: la fuerza del neoconservadurismo religioso en Bolivia frente a la ambigüedad de la laicidad del Estado. In: BÁRCENAS BARAJAS, Karina. (Coord.). **Movimentos antigênero em América Latina**: cartografias do neoconservadurismo. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Sociales, 2022.

GUIMARÃES, Frederico Sidney. Ideologia ou Identidade de gênero? Os equívocos constitutivos nas propostas curriculares. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 28, n. 57, p. 135-153, 2018.

GUIMARÃES, Frederico Sidney; FATIMA, Wellton da Silva de. Um quarto movimento do “comunismo imaginário”? A cruzada conservadora no século XXI contra a identidade de gênero. In: CASTELLO BRANCO, Luiza *et al* (Orgs.). **Entrenós**: da Língua, do Sujeito, do Discurso. Campinas: Pontes, 2022.

JUNQUEIRA, Rogério. **A invenção da ideologia de gênero**: sexologia, sexualidade e política no Brasil. Brasília: Editora UNB, 2022.

KALTWASSER, Cristóbal Rovira. Retrato da singular ultradireita da América Latina. Outras Palavras, São Paulo, 27 de agosto de 2024. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/retrato-da-singular-ultradireita-da-america-latina/>. Acesso em 04 set. 2024.

KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque**: a ascensão do capitalismo do desastre. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

KRIEG-PLANQUE, Alice. **A noção de “fórmula” em análise do discurso**: quadro teórico e metodológico. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MACHADO, Maria das Dores. Evangélicos y la agenda antigénero en Brasil. In: BÁRCENAS BARAJAS, Karina. (Coord.). **Movimentos antigénero em América Latina**: cartografias do neoconservadurismo. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Sociales, 2022.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise do discurso, esfera superior e porta-voz. **Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso**, v. 20, n. 1, p. 120-135, 2020.

MALM, Andreas; Colectivo ZETKIN. **Piel blanca, combustible negro**: los peligros del fascismo fósil. Madrid: Capitán Swing, 2024

MARINI, Ruy Mauro. Dialética da Dependência. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 9, n. 3, p. 325-356, dez. 2017.

MARINI, Ruy Mauro. El Estado de Contrainsurgencia. **Cuardenos Políticos**, n. 18, México, p. 21-29, out-dez. 1978.

MARINI, Ruy Mauro. La acumulación capitalista mundial y el subimperialismo. **Cuadernos Políticos**, n. 12, México, abr.-jun., 1977.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. ideologia de gênero: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado**, v. 32, p. 725-748, 2017.

MODONESI, Massimo. El progresismo latinoamericano: un debate de época. In: GAUDICHAUD, F.; WEBBER, J.; MODONESI, M (Orgs.). **Los gobiernos progresistas latinoamericanos del siglo XXI**: ensayos de interpretación histórica. Ciudad de México: UNAM, 2019.

MORÁN FAÚNDES; VAGGIONE, Juan Marco. El activismo neoconservador en Argentina: entre la religión, el secularismo y la racionalidad neoliberal. In: BÁRCENAS BARAJAS, Karina. (Coord.). **Movimentos antigénero em América Latina**: cartografias do neoconservadurismo. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Sociales, 2022.

NEVACHE, Claire. La “ideología de género” en Panamá: evangélicos en escena y católicos tras bastidores. In: BÁRCENAS BARAJAS, Karina. (Coord.). **Movimentos antigénero em América Latina**: cartografias do neoconservadurismo. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Sociales, 2022.

OLIVEIRA, Fernando Suarez de. **A “ideologia de gênero” em artigos de opinião**: um estudo à luz da Teoria da Estrutura Retórica e da Linguística Textual. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2022.

PASSOS, Jasilaine Andrade; VASCONCELLOS-SILVA, Paulo Roberto; SANTOS, Ligia Amparo da Silva. Ciclos de atenção a dietas da moda e tendências de busca na internet pelo Google trends. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 7, p. 2615-2631, 2020.

PRADO JÚNIOR, Caio. **A revolução brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1966.

PULÉ, Paul; HULTMAN, Martin. **Masculinidades ecológicas**. São Paulo: Bambual, 2023.

RAMÍREZ KURI, Georgette. Geopolítica en América Latina: Imperialismo y Estado en el capitalismo dependiente. Tesis (Doctorado en Estudios Latinoamericanos) – Facultad de Filosofía y Letras, Universidad nacional Autónoma de México (UNAM), Ciudad de México – México, 2021.

REDAÇÃO IDEELERADIO. Carlos Reyna sobre Dina Boluarte: “Es un títere del Congreso y de los militares”. **Ideeleradio**, 12 out. 2023. Disponível em: <https://www.ideeleradio.pe/lo-ultimo/carlos-reyna-sobre-dina-boluarte-es-un-titere-del-congreso-y-de-los-militares/>. Acesso em: 22 out. 2024.

RETTICH, Juliana Silva. **Do visor na porta das salas de aula à mordaca nos professores**: uma análise discursiva das redes conservadoras do Escola Sem Partido – Projeto de Lei 867/201. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

RIOS, Roger Raupp; RESADORI, Alice Hertzog. Gênero e seus/suas detratores/as: “ideologia de gênero” e violações de direitos humanos. **Revista Psicologia Política**, v. 18, n. 43, p. 622-636, 2018.

ROCHA, Marcos. **A fórmula “ideologia de gênero”**: polêmica e discurso. Dissertação (mestrado em Letras), Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Cuiabá, 2021.

RODRÍGUEZ RONDÓN, Manuel Alejandro. La ideología de género como exceso: pánico moral y decisión ética en la política colombiana. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, p. 128-148, 2017.

SALAZAR, Joseph. ¡El león dormido despertó! “Con mis hijos no te metas” y la configuración de los movimientos antigênero en Ecuador. In: BÁRCENAS BARAJAS, Karina. (Coord.). **Movimentos antigênero em América Latina**: cartografias do neoconservadurismo. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Sociales, 2022.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio. “Ideologia de gênero”: interpretação equivocada, repetição do equívoco. **Bagoas: Estudos gays, gêneros e sexualidades**, v. 10, n. 15, 2016.

SANTOS, Fabio Luis Barbosa dos. O progressismo nu nas eleições equatorianas. **Lugar Comum–Estudos de mídia, cultura e democracia**, n. 60, p. 11-14, 2021.

SANTOS, Fabio Luis Barbosa dos; FELDMANN, Daniel. **O médico e o monstro**: uma leitura do progressismo latino-americano e seus opositos. São Paulo: Elefante, 2021.

SANTOS, V.; PIRES, L.; ROCHA, V. Search trend on nutrition during the COVID-19 pandemic in Brazil: Google Trends results. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 12, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/20763>. Acesso em 01 out. 2024.

SILVA, Bruno Caetano. **“Ideologia de gênero” e a inter-relação entre os discursos político e pedagógico em uma formação discursiva conservadora**. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Humanas, São Paulo, 2022.

SOTELO VALENCIA, Adrián. **México (re)cargado**: dependencia, neoliberalismo y crisis. Ciudad de México: Itaca, 2014.

SOTELO VALENCIA, Adrián. **Subimperialismo e dependência na América Latina**: o pensamento de Ruy Mauro Marini. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

STORTO, Leticia Jovelina; ZANARDI, Reinaldo César. Análise discursiva de governo coloca ideologia de gênero no Enem do pastor Silas Malafaia: discurso político, da natureza e de ódio. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 19, n. 03, p. 383-400, 2019.

TEC-LÓPEZ, René. De canutos, maricones y comunistas: la cruzada evangélica contra la “ideología de género” en Chile. In: BÁRCENAS BARAJAS, Karina. (Coord.). **Movimentos antigênero em América Latina**: cartografias do neoconservadurismo. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Sociales, 2022.

TOLENTINO, Hélio Pires. **O discurso político sobre gênero na educação e a fórmula discursiva “ideologia de gênero”**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, 2022.

TOLENTINO, Hélio Pires; ALMEIDA, Júlia Maria Costa de. O discurso antigênero e a fórmula “ideologia de gênero”. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, v. 17, n. 37, p. 268–287, 2023.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. São Paulo: Objetiva, 2018.

WEBBER, Jeffery. Mercado mundial, desarrollo desigual y patrones de acumulación: la política económica de la izquierda latinoamericana. In: GAUDICHAUD, F.; WEBBER, J.; MODONESI, M (Orgs.). **Los gobiernos progresistas latinoamericanos del siglo XXI**: ensayos de interpretación histórica. Ciudad de México: UNAM, 2019.